



O QUE DIZEM AS PAREDES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE UM MUNICÍPIO DO PIAUÍ PARA ALÉM DAS TRANSGRESSÕES? UMA TIPOLOGIA DAS PICHAGENS

Dariane de Sousa Morais ¹
Denise Hosana de Sousa Moreira ²
Vanessa Oliveira de Sousa ³
Pedro Martinho Sobrinho Mendonça ⁴

RESUMO

Desde o tempo das cavernas, a humanidade utiliza paredes como espaços de expressão de seus pensamentos, sentimentos e ações. Fora do limite do socialmente permitido e, portanto, quando transgressoras, essas expressões receberam o nome de pichação. No cenário das transgressões, o trabalho apresentado aqui corresponde à exposição de uma etapa da investigação realizada com o objetivo de descrever e tipificar o conteúdo das pichações feitas por alunos em paredes escolares. Para o alcance do objetivo proposto, foram fotografadas amostras de paredes de salas de aula de 04 escolas públicas no Piauí. Após a recolha, as pichações foram separadas em três categorias: desenho, palavra e frases. Dentro das categorias, foram identificados variados tipos, os quais foram descritos a partir de concepções de autores que versam sobre o assunto. O levantamento dos dados se deu durante a realização das práticas no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí. Os dados recolhidos até aqui revelam a ocorrência de três tipos básicos de manifestação: estratégia de sobrevivência às avaliações, através da anotação de conteúdo de provas; ocupação do tempo disperso durante as aulas, demonstrado em desenhos e textos extracurriculares mais elaborados, merecedores de maior envolvimento e concentração; palavras, desenhos e outros rabiscos sem propósito claramente definidos. Portanto, as pichações revelaram, mais do que vandalismo, diferentes formas de expressão dignas de maior atenção pelos que buscam compreender os problemas escolares. Esperamos que este estudo possa contribuir para o desenvolvimento de interpretações sensíveis às mensagens deixadas pelas crianças em paredes.

Palavras-chave: tipologia das pichações; crianças; escolas.

INTRODUÇÃO

Fora do limite do socialmente permitido, as manifestações escritas ou desenhadas em paredes recebem o nome de pichação. São ações passíveis de punições prescritas em

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, darianesousamorais@outlook.com;

²Doutora em Estudos da Criança pela Universidade do Minho, Docente Dedicção Exclusiva na Universidade Estadual do Piauí, denisehosana@urc.uespi.br;

³Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, vanna.oliveira21@gmail.com;

⁴Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, pedrosmendonca@hotmail.com.



lei. No cenário das expressões transgressoras da norma, procuramos compreender os sentidos de pichações observadas em paredes escolares por meio de sua tipificação.

A principal motivação para a pesquisa surgiu com a realização, como discente, das disciplinas práticas em ambientes escolares durante o curso de Pedagogia. Nos primeiros acessos às salas de aula, foi possível perceber inumeráveis marcas deixadas nas paredes por estudantes. Eram marcas que chamaram atenção por sua diversidade e estimularam reflexões acerca do seu propósito.

Segundo Gitahy (1999), ninguém vive sem pichar algo no mundo. A pichação faz parte da vida de cada um, seja de modo intencional ou não. Historicamente, numa visão de senso comum, as pichações feitas nas escolas são interpretadas, de modo geral, como vandalismo. Entretanto, análises menos superficiais podem revelar uma realidade diferente dessa visão imediata.

Segundo Corghi e Santos (2017), é preciso reconhecer que a pichação pode ser uma ferramenta capaz de abrir discussões diversas. Neste sentido, pode suscitar reflexões acerca da vida nas cidades, à relação das pessoas com o meio social, com a cultura e com a política. Em decorrência dessa diversidade de possibilidades de abordagem acerca das pichações e da regularidade de sua ocorrência, esta investigação teve o objetivo de tipificar as pichações recolhidas em paredes escolares.

METODOLOGIA

A pesquisa apresentada aqui correspondeu a um estudo exploratório descritivo realizado no período de 2016 a 2019, durante a realização de práticas no curso de Pedagogia, para cumprimento da grade curricular. O objeto de análise foram as pichações deixadas em paredes de escolas públicas municipais frequentadas por crianças e jovens estudantes do Ensino Fundamental com idades de 7 a 14 anos.

O interesse pela busca de sentido nas pichações observadas cotidianamente durante a prática pedagógica decorreu de um processo de sua desnaturalização dada a constatação de sua quantidade significativa nas paredes escolares. Conforme Louro (2007), um texto pode ser interpretado de diferentes maneiras, assim como muitas vezes. Com a pichação, não foi diferente. Num primeiro momento, alguns traços foram quase imperceptíveis. Somente aos poucos passaram a sugerir algum significado e a produzir o



interesse pelo seu aprofundamento. As linguagens têm um significado relevante para quem observa por meio da investigação crítica, de modo metodológico, com o propósito de atribuir para elas algum sentido.

De acordo com Lakatos e Marconi (2011), as pesquisas exploratórias são estudos que têm o objetivo de descrever determinado fenômeno como, por exemplo, um estudo de caso no qual são realizadas análises teóricas e empíricas. Sua finalidade é de levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando, assim, um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, elas podem servir de preparação para posteriores pesquisas explicativas.

O trabalho descritivo tem por objetivo, como o próprio nome diz, a descrição das características de determinada população ou fenômeno. A pesquisa descritiva vai além da simples identificação de um objeto de estudo. Para Hymann (1970), a pesquisa descritiva registra a maneira como ocorre determinado fenômeno. Pode ser também experimental quando há interpretação e avaliação da aplicação de determinados fatores ou de resultados já existentes.

Descrever e analisar práticas, crenças e valores culturais de uma comunidade é uma atividade comum na Antropologia, na Psicologia Social e na Sociologia. Nessas áreas de estudo, os dados são coletados, em geral, mediante observação participante ou não do cotidiano de uma comunidade, segundo Appolinário (2011).

A pesquisa descrita aqui foi previamente autorizada pelas diretoras das escolas onde a prática pedagógica já ocorria. A recolha de dados foi feita durante os finais de semana, nos momentos em que as escolas estavam vazias. Para tanto, foi utilizada, como instrumento de registro, a câmera de um aparelho celular por onde foram tiradas fotografias das pichações expostas nas paredes das salas de aula. Cabe considerar que as escolas passaram por reformas durante os 2 anos da pesquisa, com pintura das paredes pela prefeitura do município. Por este motivo, de modo a evitar descontinuidades do processo de seleção e classificação, as análises incidiram sobre dados recolhidos em um único fim de semana.

Na primeira fase do estudo, foram observadas 02 escolas de ensino fundamental. A segunda fase envolveu mais 02 escolas do mesmo nível de ensino. Após a recolha, os dados passaram pela quantificação e classificação nas seguintes categorias: desenhos;



palavras e frases. Dentro das categorias, os tipos de pichação identificados foram interpretados a partir de concepções de autores que versam sobre o assunto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Wainer (2005), de modo geral, basta entrar em algumas escolas e é possível observar pichações nas paredes das salas de aula. A pichação escolar é um ato de escrever palavras, textos, rabiscos e desenhos em paredes e mobiliários.

Desde o início dos tempos, a humanidade utiliza paredes como espaço de manifestação de pensamentos, sentimentos e ações. Lassala (2010) considera as pichações como o produto das primeiras comunicações de expressão visual humana, visto que o ser humano, por meio de sua necessidade de expressão, usou a parede como primeiro suporte.

Diversos autores vêm a pichação nas paredes escolares como causadoras de diferentes impactos nas pessoas. Segundo esses autores, na maioria das vezes, as pichações são vistas e condenadas como sujeira, poluição e vandalismo, pois a arte está historicamente relacionada a tudo aquilo que é convencionalmente considerado como belo em algum tempo e lugar.

Vaz (2013) afirma que, na maioria das vezes, definida como vandalismo, a pichação perderia sentido caso fosse limitada a paredes autorizadas. Segundo o autor, é como se a pichação fosse intrusa em um determinado local e esteticamente feia pelo fato de desobedecer a normas ou a padrões estéticos, problematizando e causando, desse modo, desequilíbrio ao espaço público.

Por outro lado, há autores que vão além dos efeitos estéticos das pichações e seguem para a análise de suas causas. Barchi (2007), por exemplo, as vê como uma forma de expressão política, ou melhor,

[...] se por um lado as pichações são vistas como crime (ambiental), sujeira, má educação e desrespeito com um determinado senso estético, por outro podem ser consideradas a partir de sua potencialidade politicamente intervencionista e artística.

Intervenção política, pois os pichadores, ao agir de forma descentralizada, nômade, de certa forma ocultando sua identidade, o fazem intencionalmente ou não, como forma de revolta e resistência, seja contra a sociedade que os torna



marginais e criminosos, seja contra a escola que não os retribua em seus desejos e necessidades.

Tornam-se assustadoras possivelmente por sua organização não-estrutural e não hierárquica. Nesse formato não centralizado, único e desestruturado, fornece novas possibilidades políticas de se pensar ações e reivindicações, pelo seu próprio modo de existência, de não se adequar aos corpos monolíticos estruturais. (BARCHI, 2007, p. 04).

Ainda, para esse autor, a pichação tende para uma reação negativa do responsável pelo imóvel utilizado ou obriga o estado, de modo geral, a não permitir que o patrimônio público seja pichado.

As pichações podem ser vistas como libertárias, quando acontecem contra o controle tradicional de uma ação direta da arte diferente das aceitas pela sociedade, segundo Hernandez (2011). Assim, para o autor, quando usadas como um meio de comunicação, é possível observar que as pichações dizem do sujeito, sobre o meio em que vive, e de suas relações com o mundo.

Olegário (2011) considera a pichação como um meio de:

Resistir, escrevendo anonimamente a fim de subscrever os possíveis. Transgredir o existente da escrita institucional, inventando traços que comportam o novo, fabricado através do contágio com as partículas menores, escavando outras experiências, conexões, cortes e atravessamentos que possibilitam a palavra saltar de pontes. (OLEGARIO, 2011, p. 56).

Segundo a autora, as pichações recobrem uma grande diversidade de linguagens que devem ser analisadas com cuidado. É, portanto, preciso dedicar atenção aos sentidos deixados nas pichações feitas nas paredes escolares. Em outras palavras, cabe saber o que revelam, omitem, propõem ou denunciam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados recolhidos no estudo apresentado aqui foram quantificados a partir de uma classificação, por onde foi possível identificar:

- a) 21 desenhos;
- b) 33 conteúdos curriculares;
- c) 08 textos poéticos;



- d) 15 nomes próprios;
- e) 46 rabiscos.

A primeira classificação resultou em outra que concentrou três tipos básicos de manifestação das pichações escolares:

- a) anotação de conteúdos curriculares, supostamente decorrentes de processos avaliativos;
- b) desenhos, frases e textos não curriculares mais elaborados, passíveis de maior envolvimento e concentração;
- c) rabiscos de palavras, nomes e desenhos soltos, sem objetivo claramente definido.

Sobre os conteúdos de avaliações curriculares, segundo Olegário (2011), as escritas anônimas feitas pelos estudantes, ora legíveis ora ilegíveis, cruzam verdade/poder/saber institucionalizado. Nas pichações de conteúdos curriculares pode estar contida a denúncia de um não saber, ou melhor, de um saber que precisa ser guardado em algum lugar para ser acionado em caso de necessidade. Esse saber corresponde a conteúdos não aprendidos, impostos por outros como verdades por meio do poder institucionalizado da escola.

Sobre os desenhos, as frases e os textos não curriculares mais elaborados cabe a interpretação feita por Duchamp (1975), acerca da pichação como ócio criativo. Diante da falta do que fazer ou do desinteresse pelas aulas, surgem textos e desenhos mais elaborados localizados entre outras formas de expressão. Nesse sentido, a pichação pode ser chamada de arte quando, de alguma forma, causa alguma reação, não somente para quem a vê, mas também para quem a produz. Seja ela considerada boa ou ruim, segundo Wainer (2005), toda arte tem de incomodar, ou seja, de causar no espectador algum tipo de reação inesperada, para a qual ele não está acostumado. A pichação pode, em certa medida, cumprir este papel.

Sobre os rabiscos, como palavras soltas e sem objetivo claramente definido, ao menos à primeira vista, Lassala (2010) considera que o homem expõe essa necessidade de expressão no seu meio desde a pré-história. Há muito tempo, as inscrições ou desenhos em rochas, muros e paredes são usados com vários significados e objetivos. Nesse sentido, os estudantes podem expressar essa necessidade não apenas com algum propósito deliberado de expressão, mas também para ocupar e passar o tempo.



Na segunda fase da análise dos dados, foi possível distinguir os textos mais elaborados, como poemas, entre os conteúdos curriculares e os rabiscos. Segundo Zan *et al* (2010), a tradição de escrever rimas e poemas nas paredes de salas de aula pode ser associada a formas de linguagem habituais entre jovens estudantes como meio de expressão de seus sentimentos. Ademais, em relação aos espaços para o extravasamento das variadas formas de expressão, questionam:

Como os jovens estão viabilizando sua arte? Temos construído políticas públicas de arte e cultura em nossas cidades? Como os processos de subjetivação que valorizam singularidades, histórias e a apropriação de espaços urbanos têm acontecido? Garantimos a construção coletiva da cidade?. (ZAN *et al*, 2010, p. 475).

A variação estética observada no maior formalismo das estruturas poéticas impressas nas paredes escolares revelou ser o propósito deliberado da depredação uma ação secundária diante da insuficiência de lugares destinados à livre manifestação artística de crianças e jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo dinâmico pelo qual as pichações são produzidas, cabe o uso do recorte temporal limitado a não mais que um dia, visto que, através deste estudo, foi possível perceber a inserção contínua de novas pichações. Essa característica do fenômeno tende a alterar os dados em termos quantitativos, mas não os afeta em termos qualitativos necessariamente. Em outras palavras, na busca pela construção de uma tipologia das pichações, foi possível encontrar uma estrutura tridimensional capaz de abarcar suas diferentes modalidades.

Em termos de sua contribuição para os estudos das pichações, os resultados obtidos neste estudo confirmaram a ocorrência de outras perspectivas interpretativas sobre os registros deixados pelos alunos nas paredes das escolas para além do simples ato transgressor. Mais do que vandalismo, revelaram diferentes formas de expressão que devem ser analisadas com maior atenção pelos que buscam compreender o universo de crianças e jovens escolares.

Discutir a pichação como meio de comunicação libertária é seguir uma trajetória desafiadora, enquanto forem interpretadas como ações transgressoras e não como formas



de expressão. Além disso, é necessário observar se o autor da pichação possui a vontade deliberada de destruir o patrimônio público ou alheio ou se, por exemplo, visa chamar atenção para algo. A adoção de uma postura reflexiva acerca das pichações escolares requer um olhar desnaturalizado sobre elas, de modo a contribuir para a sua utilização como um recurso comunicativo e interpretativo das diferentes culturas de infância que habitam os, cada vez mais complexos, ambientes escolares.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica em educação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

BARCHI, R. Pichar, pixar, grafitar, colar: os discursos e representações sobre as pichações nas escolas analisados na perspectiva ambiental e libertária. **TEIAS**, V. 8, P. 15-16, 2007.

CORGHI, N. F.; SANTOS, M. D. Apropriação do espaço e a semiologia urbana na vivência cotidiana. **Anais 1º Simpósio Internacional de Artes, Urbanidades e Sustentabilidade**, P. 465-473, 2017.

DUCHAMP, M. **O Ato criador**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

GITAHY, C. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

HERNANDES, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. V. 9, P. 31-39, 2011.

HYMANN, H. **Planejamento e análise da pesquisa: princípios, casos e processos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Monografia do trabalho Científico**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LASSALA, G. **Pichação não é pichação- uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas**. São Paulo: Altamira Editorial, 2010.

LOURO, G. L. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, Sociedade e Culturas**, V. 25, P. 235, 2007.

OLEGÁRIO, F. **Rastros das linhas menores de escrita**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2011.



VAZ, T. Pichação, arte, educação: outros olhares. **Revista Digital do LAV**, V. 6, P. 85-97, 2013.

WAINER, J. Pichação é arte. **Super. Interessante**, V. 213, P. 98, 2005.

ZAN, D. et al. Grafite e pichação: formas de resistência e participação juvenis? **Educação**, V. 35, P. 465-478, 2010.